

O que pensam estudantes e profissionais de Educação Social sobre as pessoas mais velhas? Um estudo comparativo entre o antes e o depois da pandemia.

Lia Araújo^{1,2}, Maria João Amante^{1,3}, Susana Fonseca^{1,3} y Paula Xavier^{1,3}

¹*Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Viseu, Portugal*

²*CINTESIS, Porto, Portugal*

³*CI&DEI, Viseu, Portugal*

Palabras clave (Keywords): Educação Social, Idadismo, Perceções, Envelhecimento

RESUMO

Objetivos: conocer la percepción de los estudiantes y profesionales de Educación Social sobre las personas mayores y la etapa avanzada de la vida y las posibles influencias de la pandemia en la discriminación por la edad. Material y métodos: un total de 272 participantes respondieron a un cuestionario con 15 preguntas de verdadero y falso sobre hechos y mitos sobre el envejecimiento, basado en el Palmore Facts on Aging Quiz. Los datos fueron recolectados antes (febrero de 2018 y 2019) y después del inicio de la pandemia (febrero de 2021 y 2022), en un contexto de aula, con estudiantes del 1º año de el grado de Educación Social (n = 229; edad media de 19 años) y también tras el inicio de la pandemia (febrero de 2022) con Educadores Sociales (n = 43; edad media de 27 años) mediante el envío del mismo cuestionario por correo electrónico. Los datos se analizaron mediante análisis descriptivo. Resultados: se nota una existencia generalizada de percepciones falsas y negativas en la mayoría de los ítems considerados, con porcentajes más elevados entre los estudiantes. En ocho de los 15 ítems se encuentra el mayor porcentaje de ideas estereotipadas en 2021. La comparativa entre estudiantes y profesionales muestra que los profesionales tienen menos estereotipos sobre las personas mayores, aunque un porcentaje superior al 50% asocia a personas mayores a los 65 años, depresión, soledad y pobreza. Conclusiones: los datos de este estudio permiten percibir que, en general, los estudiantes y profesionales de la Educación Social tienen percepciones negativas respecto a la etapa avanzada de la vida, algo que, a pesar de ser transversal a todo el período considerado, se acentúa en los estudiantes que ingresaron el curso en el período pospandemia, que también puede estar relacionado con la imagen de fragilidad y vulnerabilidad que difundió la sociedad, asociada al COVID-19. El hecho de que los profesionales tengan percepciones menos negativas puede significar que la formación que tuvieron, así como la experiencia profesional, influyeron positivamente en la imagen social de las personas mayores, en línea con varios estudios internacionales que sugieren la educación sobre el envejecimiento y el contacto con personas mayores, en particular en actividades intergeneracionales, como estrategias imprescindibles en la lucha contra la discriminación por edad.



1. INTRODUÇÃO

Para todos nós existe um antes e um depois da pandemia COVID-19. Apesar de na sua origem estar um problema de saúde pública, as consequências da pandemia expandiram-se a outros domínios da nossa vida de forma significativa e permanente. Em fase de rescaldo, importa analisar essas consequências, identificando a sua gravidade e impacto bem como medidas de combate e minimização dos danos. Das várias mudanças ocorridas, sabe-se que aumentou significativamente a exclusão e o preconceito contra as pessoas mais velhas.

Para além da apresentação da COVID-19 como um “problema dos idosos”, muitos países optaram por impor restrições mais rígidas em função da idade, como a ordem de permanecer dentro de casa ou de não receberem visitas quando institucionalizados. Não obstante a intenção de proteção destas medidas, esta narrativa paternalista veio homogeneizar ainda mais este grupo populacional, contribuindo para acentuar as ideias estereotipadas já existentes dos mais velhos como vulneráveis e sem direito à opinião (Fraser et al. 2020), e para criar tensões entre gerações ao definir como é que os mais velhos se deveriam comportar durante a pandemia e ao desconsiderar a sua contribuição para a sociedade (Swift & Chasteen, 2021).

Mas o idadismo não é um fenómeno novo. Está identificado há praticamente 50 anos, desde que Robert Butler o apresentou pela primeira vez, como “a process of systematic stereotyping of and discrimination against people because they are old” (Butler, 1975, p. 12). De acordo com Levy (2009), este processo de internalização dos estereótipos em relação à idade começa durante a infância e continua ao longo da vida, podendo ser observado em todas as faixas etárias, desde as crianças pequenas até às próprias pessoas idosas.

O interesse e a investigação em torno do idadismo tem aumentado muito nos últimos anos, pela junção dos seguintes fenómenos: o crescente envelhecimento da população, ainda mais significativo em Portugal e Espanha enquanto países mais envelhecidos da Europa e até do Mundo (United Nations, 2019); o reconhecimento das graves interferências do idadismo na participação das pessoas mais velhas e na sua contribuição para a sociedade (Marques et al., 2020); e o exacerbar do idadismo que ocorreu durante a pandemia (Swift & Chasteen, 2021). Uma simples pesquisa na Web of Science (realizada em março de 2022) com a palavra “Ageism” encontrou 2510 resultados, dos quais 411 tinham sido publicados até ao ano de 2009, 1128 entre 2010 e 2019 e 726 desde 2020, sendo que só nos primeiros meses de 2022 já tinham sido publicados 31 artigos sobre este tema. Outra prova da sua crescente importância é a recente publicação da World Health Organization (2021) que, reconhecendo o idadismo como um desafio global e emergente, apresenta uma estrutura de ação para reduzir o preconceito em relação à idade, incluindo recomendações específicas para diferentes campos (e.g., governos, organizações da sociedade civil, sector privado), juntamente com evidências sobre a natureza e magnitude desta problemática.

No que toca a futuros profissionais de intervenção gerontológica, este assunto não podia ser mais premente. Já há evidências de que os preconceitos baseados na idade podem levar a uma relutância em trabalhar com a população mais velha e a decisões tendenciosas ou tratamento inadequado para com as mesmas (Simkins, 2007; Skirbekk & Nortvedt, 2014), com prejuízo para a sua dignidade e autonomia (Pritchard-Jones, 2017). Estes estudos, oriundos maioritariamente da área da saúde, têm vindo a demonstrar resultados preocupantes, no sentido de existirem preconceitos em relação à idade em contexto hospitalar. A evidência na área da intervenção social não é tão extensa e expressiva, mas há já alguns estudos que demonstram que também os trabalhadores sociais não são isentos de crenças estereotipadas acerca das pessoas mais velhas (Araújo

et al., 2017). A maioria dos estudos existentes são desenvolvidos em contextos acadêmico, com futuros profissionais, e para além de demonstrarem a existência de idadeísmo, revelam a sua influência no desejo futuro de trabalhar na área do envelhecimento (Chonody, 2015) e a importância que as estratégias educativas podem ter na sua diminuição (Baik & Davitt, 2022; Even-Zohar & Werner, 2020).

2. MÉTODOS

De forma a aprofundar o conhecimento existente sobre esta temática, o presente estudo procurou conhecer a perceção de estudantes e profissionais de Educação Social sobre as pessoas mais velhas e a fase avançada de vida e as possíveis influências da pandemia no idadeísmo.

2.1 PARTICIPANTES

Participaram neste estudo 229 estudantes do 1º ano do curso de Licenciatura em Educação Social, com uma média de idades de 19 anos e, sendo, maioritariamente mulheres. Destes, 64 participaram em 2018, 60 em 2019, 46 em 2021 e 59 em 2022. E 43 profissionais de Educação Social, com uma média de 27,4 anos, todas do sexo feminino, que terminaram o curso entre 2009 e 2022, das quais 51,2% depois de 2019. A maioria encontra-se empregada (65,1%) e as restantes a estudar (18,6%), a estagiar (9,3%) ou desempregadas (9,3%). Das que se encontram a trabalhar, 22 (51,1%) estão a trabalhar na área, 13 com pessoas idosas, nomeadamente em estruturas residenciais (n=4), centros e dia (n=4), serviços de apoio domiciliário (n=3) e projetos comunitários (n=3).

2.2 INSTRUMENTOS

Utilizou-se um questionário com 15 itens (Figura 1), construído com base no Palmore Facts on Aging Quiz, o qual é reconhecido como o instrumento mais utilizado para avaliar conhecimentos gerais, factos e mitos sobre a fase avançada de vida (Palmore, 1977). Para cada item o/a participante tinha de assinalar verdadeiro ou falso.



Figura 1

Questionário

- Q1 Um idoso é todo aquele que tem 65 anos ou mais de vida.
- Q2 A personalidade altera-se fortemente com a idade.
- Q3 A depressão é um problema muito comum na velhice.
- Q4 Os sentimentos de solidão produzem-se quando não há família e/ou as pessoas vivem sozinhas.
- Q5 A maioria das pessoas idosas torna-se senil durante a velhice.
- Q6 Com a idade perde-se a capacidade para se ter relações sexuais.
- Q7 A maior parte das pessoas idosas tende a estar preocupada com a morte.
- Q8 A velhice pode ser encarada como uma segunda infância.
- Q9 Durante a velhice é difícil prevenir doenças.
- Q10 A maioria das pessoas idosas diz que está feliz a maior parte do tempo.
- Q11 As pessoas idosas são incapazes de aprender novas informações.
- Q12 As pessoas idosas parecem-se mais entre si que as jovens.
- Q13 A velhice deve ser um período de descanso.
- Q14 A maior parte das pessoas idosas vive num limiar abaixo da pobreza.
- Q15 Raramente alguém depois dos 65 anos produz um trabalho de grande mérito e reconhecimento.

2.3 PROCEDIMENTO

Estudantes do 1º do curso de Licenciatura em Educação Social de uma Instituição de Ensino Superior da zona centro de Portugal foram convidados a responder ao questionário na primeira aula de uma unidade curricular sobre Psicologia do Adulto e Idoso. Para este estudo foram consideradas as respostas de duas turmas que responderam ao questionário antes da pandemia (2018 e 2019) e de duas turmas que responderam depois do início da pandemia (2021 e 2022). No início de 2022 enviou-se o mesmo questionário online a todos os estudantes que já tinham terminado o curso, tendo-se considerado as respostas obtidas num espaço de duas semanas após o envio do questionário.

2.4 ANÁLISE DE DATOS

Os dados recolhidos foram tratados com recurso à análise quantitativa descritiva (frequências), comparando-se por anos (antes e depois do início da pandemia) e por grupo (estudantes ou profissionais).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Numa análise mais geral aos dados, é de assinalar que, entre todos os anos, quer em estudantes quer em profissionais, a concordância com as ideias estereotipadas é superior a 50% para a maioria dos itens. Começando com as respostas dos estudantes, em nove das 15 questões, a maioria concorda com as afirmações, no sentido de considerar as pessoas mais velhas pela sua idade cronológica, como deprimidas, que se sentem sós quando estão sozinhas, com problemas cognitivos, sem capacidade sexual, preocupadas com a morte, semelhantes a crianças, pobres e muito parecidas entre si. A comparação entre anos permite identificar o ano de 2021 como o que tem as percentagens mais elevada de concordância (em oito dos 15 itens considerados), verificando-se mesmo, neste ano, concordâncias superiores a 90% (algo que não acontece nos restantes anos) nas questões 4 (Os sentimentos de solidão produzem-se quando não há família e/ou as pessoas vivem sozinhas) e 5 (A maioria das pessoas idosas torna-se senil durante a velhice). Números tão elevados de concordância com estes esterótipos podem estar relacionados com a ideia de que as pessoas mais velhas foram forçadas ao isolamento durante a pandemia e com a ideia de fragilidade pois a maioria das notícias transmitidas sobre pessoas idosas eram de contextos institucionais, onde se encontram pessoas com maior comorbilidade e dependência.

Em todos os anos as percentagens mais reduzidas verificam-se na questão 10 (A maioria das pessoas idosas diz que está feliz a maior parte do tempo), que é a única que representa uma ideia verdadeira sobre o processo de envelhecimento, e sobretudo na questão 11 (As pessoas idosas são incapazes de aprender novas informações) com percentagens inferiores a 11%. Este último resultado justifica-se pela natureza da formação em Educação Social, onde são trabalhados desde cedo conteúdos sobre a formação de adultos.

A comparação entre estudantes e profissionais permite identificar que, globalmente, os profissionais têm menos ideias erradas e preconceituosas. Ainda assim, a concordância é superior a 50% em quatro das 15 questões, relacionadas com a definição de pessoas idosa pela idade cronológica, o facto da depressão ser muito comum, das pessoas que vivem sozinhas sentirem-se sós e da maioria das pessoas mais velhas estarem abaixo do limiar da pobreza. Estas perceções podem estar relacionadas com os locais de intervenção socioeducativa, por norma junto de públicos mais fragilizados, quer do ponto de vista económico e social quer do ponto de vista físico e cognitivo. É também de notar que nenhum profissional concorda que as pessoas mais velhas são incapazes de aprender novas informações e que para 1/3 das questões, a percentagem de concordância é mesmo inferior a 30%, o que não acontece no grupo de estudantes. Estas questões, em que os profissionais demonstram menos perceções idadistas, são sobre perda de capacidade sexual, associação entre velhice e infância, dificuldades em prevenir doenças, homogeneização das pessoas mais velhas e ausência de trabalho de mérito e reconhecimento por pessoas idosas. Também na questão sobre o facto das pessoas idosas sentirem-se felizes a maior parte do tempo, a percentagem foi inferior a 30%, o que aqui já não é considerado positivo pois significa que cerca de 70% discorda.



Tabela 1

Respostas afirmativas aos factos e mitos do envelhecimento

Q	Estudantes				Prof.
	2018 n (%)	2019 n (%)	2021 n (%)	2022 n (%)	2022 n (%)
1	42 (65,6)	41 (68,3)	33 (71,7)	31 (52,5)	25 (58,1)
2	29 (45,3)	42 (70,0)	26 (56,5)	42 (71,2)	13 (30,2)
3	33 (51,6)	45 (75,0)	31 (67,4)	38 (64,4)	24 (55,8)
4	43 (67,2)	47 (78,3)	43 (93,5)	33 (55,9)	29 (67,4)
5	46 (71,9)	47 (78,3)	42 (91,3)	46 (78,0)	16 (37,2)
6	41 (64,1)	39 (65,0)	32 (69,6)	38 (64,4)	11 (25,6)
7	51 (79,7)	48 (80,0)	34 (73,9)	46 (78,0)	21 (48,8)
8	44 (68,8)	49 (81,7)	33 (71,7)	47 (79,7)	11 (25,6)
9	36 (56,3)	40 (66,7)	26 (56,5)	21 (35,6)	10 (23,3)
10	5 (7,9)	5 (8,3)	9 (19,6)	14 (23,7)	11 (25,6)
11	1 (1,6)	1 (1,7)	5 (10,9)	5 (8,5)	0 (0,0)
12	34 (53,1)	31 (51,7)	30 (65,2)	36 (61,0)	10 (23,3)
13	40 (62,5)	27 (45,0)	30 (65,2)	39 (66,1)	18 (41,9)
14	39 (60,9)	34 (56,7)	30 (65,2)	30 (50,8)	25 (58,1)
15	25 (39,1)	25 (41,7)	21 (45,7)	16 (27,1)	8 (18,6)

4. CONCLUSÕES

Os dados aqui apresentados, pela elevada concordância com ideias erradas e discriminatórias sobre o envelhecimento, devem ser alvo de preocupação. Partindo do conhecimento atual sobre o impacto do idadismo na qualidade com que se vive a fase avançada de vida, importa tomar medidas urgentes.

Aumentar a conscientização, estimular a ação e combater o preconceito em relação à idade devem passar a fazer parte dos currículos de cursos de ensino superior, nomeadamente de Trabalho e Educação Social, pelo importante contributo que estes profissionais podem ter na promoção individual e social de um envelhecimento ativo, saudável e bem-sucedido. Com base nos resultados apresentados, mais precisamente na elevada percentagem de preconceitos e na influência positiva que a frequência no curso e a experiência profissional podem ter, é importante prestar atenção às estratégias que já deram provas positivas em outros estudos internacionais e que demonstram, unanimemente, a mais-valia das atividades educativas, sobretudo quando aliadas à intergeracionalidade (Burnes et al., 2019). As atividades pedagógicas intergeracionais que promovam aprendizagens e relacionamentos significativos entre estudantes e pessoas mais velhas, tal como demonstram as experiências desenvolvidas em contextos de ensino superior por Gardner e Alegre (2019), Branson (2022) e Levy (2018), intituladas “intergenerational service learning”, “speed dating” e “positive education about aging and contact experiences”, respetivamente. Aliás, numa recente revisão sistemática, o contacto com pessoas mais velhas foi identificado como o determinante mais importante do idadismo, com os autores a alertarem

para a necessidade de considerar a qualidade e o teor desse contacto (Marques et al., 2020). Devem ser fomentadas interações positivas, que permitam aos estudantes constatarem as capacidades das pessoas mais velhas, nomeadamente em atividades com partilha de experiências de envelhecimento produtivo e ativo, resiliência e adaptação aos desafios do envelhecimento.

A literatura também tem vindo a demonstrar a influência dos meios de comunicação social na construção destes estereótipos, como o estudo de Jimenez-Sotomayor e colegas (2020), que identificou que a maioria dos tweets relacionados com a COVID-19 e adultos mais velhos continha opiniões pessoais e piadas, com 25% tendo mesmo conteúdo idadista ou potencialmente ofensivo para os mais velhos. É por isso importante, melhorar a representação das pessoas idosas e da fase avançada de vida em conteúdos de media, onde a apresentação de imagens mais positivas de idosos oferece um caminho promissor para combater o envelhecimento (Oró-Piqueras & Marques, 2017). Ainda, evitar a ideia divisiva do “nós” vs. “eles” ou “os novos” vs. “os idosos”, pois divide a sociedade e tem um impacto malicioso para os mais velhos mas também para os mais novos, nomeadamente através de projetos intergeracionais com apresentação de histórias de vida, que permitam fomentar esta ideia de curso e ciclo de vida. E evitar uma linguagem que fomenta a ideia dos “idosos” serem todos iguais ou serem definidos pela sua idade, enquanto “sexagenários”, “septuagenários”, ..., preferindo termos como “pessoas mais velhas” (Centre for Ageing Better, 2021).

AGRADECIMENTOS

A todos e a todas os/as estudantes e profissionais de Educação Social que responderam ao questionário.

REFERÊNCIAS

- Araújo, L., Amante, M. J. y Fonseca, S. (2017). Factos e mitos sobre envelhecimento em alunos no início de licenciatura em educação social. *Revista de Estudios e Investigación en Psicología y Educación, Extr*, 08. <https://doi.org/10.17979/reipe.2017.0.08.2328>.
- Baik, S. y Davitt, J. (2022). Factors Associated With Attitudes Toward Older Adults in Social Work Students: A Systematic Review. *Journal of Gerontological Social Work*, 65(2), 168-187. doi: 10.1080/01634372.2021.1944946
- Branson, D. (2022). Speed Dating with Older Adults: Reducing Ageism in Social Work Students. *Journal of Social Work Education*. doi: 10.1080/10437797.2021.2019645
- Burnes, D., Sheppard, C., Henderson, C., Wassel, M., Cope, R., Barber, C. y Pillemer, K. (2019). Interventions to Reduce Ageism Against Older Adults: A Systematic Review and Meta-Analysis. *American Journal of Public Health*, 109(8), 1-9. doi:10.2105/AJPH.2019.305123
- Butler, R. N. (1975). *Why Survive? Being Old in America*. Harper and Row.
- Center for Ageing Better. (2021). *Challenging ageism: A guide to talking about ageing and older age*. <https://ageing-better.org.uk/publications/challenging-ageism-guide-talking-about-ageing-and-older-age>
- Chonody, J. M. (2015). Addressing ageism in students: A systematic review of the pedagogical intervention literature. *Educational Gerontology*, 41(12), 859–887. <https://doi.org/10.1080/03601277.2015.1059139>
- Even-Zohar, A. y Werner, S. (2020). The Effect of Educational Interventions on Willingness to Work with Older



- Adults: A Comparison of Students of Social Work and Health Professions. *Journal of Gerontological Social Work*, 63, 114-132. doi: 10.1080/01634372.2020.1712511
- Fraser, S., Lagacé, M., Bongué, B., Ndeye, N., Guyot, J., Bechard, L., Garcia, L. y Tougas, F. (2020). Ageism and COVID-19: what does our society's response say about us? *Age and Ageing*, 49, 692–695. doi: 10.1093/ageing/afaa097
- Gardner, P. y Alegre, R. (2019). "Just like us": Increasing awareness, prompting action and combating ageism through a critical intergenerational service learning project. *Educational Gerontology*, 45(2), 146-158. doi: 10.1080/03601277.2019.1584976
- Jimenez-Sotomayor, M., Gomez-Moreno, C. y Soto-Perez-de-Celis, E. (2020). Coronavirus, Ageism, and Twitter: An Evaluation of Tweets about Older Adults and COVID-19. *Journal of the American Geriatrics Society*, 68, 1661-1665.
- Levy, B. R. (2009). Stereotype embodiment: A psychosocial approach to ageing. *Current Directions in Psychological Science*, 18, 332–336.
- Marques, S., Mariano, J., Mendonça, J., Tavernier, W., Hess, M., Naegele, L., Peixeiro, F. y Martins, D. (2020). Determinants of Ageism against Older Adults: A Systematic Review. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 17, 2560. doi:10.3390/ijerph17072560
- Oró-Piqueras, M. y Marques, S. (2017). Images of old age in YouTube: Destabilizing stereotypes. *Continuum*, 31, 257–265.
- Palmore, E. (1977). Facts on aging: A short quiz. *The Gerontologist*, 17(4), 315-320.
- Pritchard-Jones, L. (2017). Ageism and autonomy in health care: Explorations through a relational lens. *Health Care Analysis*, 25(1), 72–89. <https://doi.org/10.1007/s10728-014-0288-1>
- Simkins, C.L. (2007). Ageism's influence on health care delivery and nursing practice. *Journal of Student Nursing Research*, 1(1), 24–28. <https://repository.upenn.edu/josnr/vol1/iss1/5>
- Skirbekk, H. y Nortvedt, P. (2014). Inadequate treatment for elderly patients: Professional norms and tight budgets could cause "ageism" in hospitals. *Health Care Analysis*, 22(2), 192–201. <https://doi.org/10.1007/s10728-012-0207-2>
- Swift, H. y Chasteen, A. (2021). Ageism in the time of COVID-19. *Group Processes & Intergroup Relations*, 24(2) 246–252. doi: 10.1177/171/3163688443300220983452
- United Nations. (2019). *World Population Prospects 2019*. <https://population.un.org/wpp/Download/Standard/Population/>
- World Health Organization. (2021). *Global Report on Ageism*. <https://www.who.int/teams/social-determinants-of-health/demographic-change-and-healthy-ageing/combating-ageism/global-report-on-ageism>